

Cara leitora, caro leitor,

A capa desta edição da revista Intersaberes já informa qual seu dossiê. O desenho que a estampa é do primeiro personagem de histórias em quadrinhos brasileiro: Nhô Quim. Este personagem foi a maior criação de Ângelo Agostini, italiano que migrou para o Brasil em 1859 e que, em 30 de janeiro de 1869, começou a publicar “As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte”, considerada a primeira arte sequencial brasileira. Abolicionista, Agostini imaginava que uma narrativa que contemplasse texto aos letrados e desenhos aos analfabetos poderia ser uma ótima maneira de passar sua mensagem, bem como ensinar.

A ideia de Agostini, porém, não era inédita. Aquele que é considerado o primeiro autor de histórias em quadrinhos do mundo, o suíço Rudolphe Töpffer, pedagogo de profissão, já imaginava este uso para a nova linguagem que estava inventando em 1833. Assim, podemos afirmar que a ligação entre histórias em quadrinhos e a educação está presente em sua gênese.

E desde seu nascimento nunca parou de ser utilizada formal ou informalmente para ensinar ou aprender. É sempre bom destacar que a revista “O Tico-tico”, lançada no Brasil em outubro de 1905 tinha como principal função educar meninas e meninos. Esta revista, que foi lançada semanalmente até meados de 1957, passou o bastão da educação informal para Mauricio de Sousa, que desde 1959 parece ser a primeira entrada da leitura para várias gerações de brasileiros.

Ainda que os quadrinhos tenham passado por um período turbulento, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, nunca faltaram entusiastas para destacar sua presença e assertividade no campo educativo. E o campo de estudos foi se consolidando a tal ponto que programas e diretrizes governamentais apoiam e incentivam a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula.

Este apoio, porém, não é gratuito. As histórias em quadrinhos são uma linguagem consolidada, que possui sua gramática própria, composta por elementos como a elipse temporal, o balão, o recordatório, a onomatopeia, o requadro, o movimento, a cor e mais uma série de outros pequenos subsídios que a tornam ótima para contar histórias. Os quadrinhos são uma forma de narrativa tão poderosa que determinadas histórias só podem ser contadas em seu meio.

E uma linguagem tão poderosa não pode ficar afastada da educação. Merece ser utilizada para o auxílio de professores e alunos em sua difícil missão de aprender, como perceberemos nos artigos a seguir. Felizmente, podemos assegurar que cada dia que passa mais e mais professores e professoras estão se valendo da nona arte para incrementar suas aulas, para ilustrar seus conteúdos e, principalmente, para problematizar relações complexas. A problematização de uma história em quadrinhos em sala de aula pode ser a melhor forma de, ao mesmo tempo, chamar a atenção dos alunos e dialogar sobre algum aspecto teórico ou prático.

Vivemos um tempo em que as histórias em quadrinhos parecem viver seu auge, com inúmeros lançamentos das mais diferentes ordens, do super-herói escapista ao cotidiano intimista, das histórias infantis às com propriedades filosóficas complexas, das narrativas espaciais às biografias. E, acompanhando tal movimento, os estudos sobre a arte sequencial crescem exponencialmente, multiplicando-se livros teóricos, revistas acadêmicas, congressos e simpósios. Acompanhando este saudável movimento, a revista *Intersaberes* apresenta mais uma fonte de textos inéditos para os inúmeros pesquisadores da área.

O dossiê desta edição da revista *Intersaberes* dedicado às histórias em quadrinhos e sua relação com a educação começa com o texto de Douglas Carvalho Amorim e Cleide Jane de Sá Araújo Costa, com o tema fortíssimo da Covid-19, que assola o Brasil e o mundo e a relação dos professores com as aulas remotas e estratégias de ensino envolvendo aplicativos de histórias em quadrinhos. Na sequência, também discutindo acerca da pandemia, Rodrigo Otávio dos Santos e Ingrid Gayer aproveitam a história “La Dansarina”, sobre a gripe espanhola, para promover alguns entendimentos sobre os vírus e como se comportar durante uma epidemia. Em seguida, Bruno Fernandes Alves, Eduarda de Andrade Lima Ferreira e Sirlene Barbosa de Souza apresentam um estudo acerca da formação leitora das crianças na educação infantil e o papel dos quadrinhos no letramento. Adiante, Marcio Roberto da Silva Garcia e Fabiane Lopes de Oliveira discutem a aprendizagem significativa que se pode obter por meio da arte sequencial nos conteúdos de língua portuguesa. O próximo texto, escrito por Fernanda Antônia Barbosa da Mota e Heraldo Aparecido Silva mostra a relação entre o ensino de filosofia da educação e as histórias em quadrinhos, principalmente por meio de experiências em sala de aula. O texto seguinte, de Aline Praxedes de Araújo, Aparecida Barbosa da Silva e Carlos Adriano Ferreira

de Lima vai usar o quadrinho Aya de Yopougon como recurso didático para explicar História da África. Para o estudo das ciências da natureza, por sua vez, Edvargue Amaro da Silva Júnior e Sandra Regina Franciscatto Bertoldo vão se utilizar de tiras em quadrinhos de Armandinho e Mafalda. Para explicar a cadeia alimentar, Juliana da Silva Cabreira e Airton José Vinholi Júnior se valem das histórias em quadrinhos e da teoria da aprendizagem significativa.

Os personagens, como sabemos, são elementos constituintes extremamente importantes das histórias em quadrinhos. E Amaro Xavier Braga Junior e Moisés Xavier Guimarães Valentim ensinam física a partir do super-herói Homem-Aranha. Logo a seguir, Mafalda e Armandinho voltam para discutir sobre avaliação no texto de Rejane de Oliveira Alves, Edna Telma Fonseca e Silva Vilar e Pietro Matheus Bompert Fontoura Alves. O artigo seguinte, de Vitor Gomes, usa o velho e bom Charlie Brown para discutir a fenomenologia da resiliência. O mais famoso caipira das histórias em quadrinhos brasileira, Chico Bento, é utilizado por Sergio Ronaldo Pinho, Paula Corrêa Henning e Virgínia Tavares Vieira para problematizar o ideal romântico de natureza. Alguns alunos do sétimo ano de uma escola desenvolveram uma história em quadrinhos com o maior detetive de todos os tempos, Sherlock Holmes, em uma atividade comandada por Luiza Puntar Muniz Barreto e Roberto Affonso Pimentel Júnior, que visava aprender conceitos de língua, texto e discurso.

O próximo artigo, de Eduardo Bruno Almeida dos Santos e Luís Paulo Leopoldo Mercado busca utilizar as histórias em quadrinhos em sua forma digital como instrumento de avaliação na pós-graduação em educação. O texto seguinte, de Nobuyoshi Chinen avalia a lei 10.639/03, que versa sobre a utilização didática das histórias em quadrinhos, bem como o texto de Barbara Cristina Aparecida dos Santos e Paulo Eduardo Ramos busca elucidar as imprecisões sobre as histórias em quadrinhos na Base Nacional Comum Curricular. Com um trabalho de pesquisa-intervenção, Carlos Eduardo Albuquerque Miranda e Luiz Gustavo Gasparini Costa Ferreira discutem as fronteiras entre cinema e histórias em quadrinhos. No próximo artigo, Anderson Tavares Correia da Silva, Fábio da Silva Paiva e Ernani Nunes Ribeiro trazem a audiodescrição de histórias em quadrinhos como reflexão para a busca da inclusão educacional. O artigo que finaliza este dossiê, escrito por Marilda Lopes Pinheiro Queluz recorre à exposição “O que é o Brasil” para refletir sobre as narrativas históricas e as construções de identidade brasileira.

Como o leitor perceberá, o nível dos artigos e das discussões do dossiê sobre histórias em quadrinhos está extremamente alto, e, infelizmente, nos sobrou espaço para apenas um texto sobre outra temática. Assim, Luciana Augusta Ribeiro do Prado, Fabíola de Azeredo Missel e Dulce Márcia Cruz discutem acerca da produção de jogos para alfabetização e sua relação com a formação docente.

A Comissão Editorial agradece a todos os pesquisadores que colaboraram encaminhando seus textos à apreciação da Revista Intersaberes, bem como seu Comitê Científico e aos pesquisadores que, voluntariamente, dedicaram seu tempo à leitura dos textos para atribuição de pareceres, e também, ao suporte técnico que assegurou o preparo e a publicação desta edição.

Boas leituras.

Rodrigo Otávio dos Santos – PPGENT / UNINTER

Waldomiro Vergueiro – ECA / USP